

A Rosa Vermelha do Grupo Gente Nossa
(Por Leidson Ferraz, Recife, 26 jul. 2021)

Com texto de Samuel Campello e música de Valdemar de Oliveira (então um jovem médico e pianista), a opereta pernambucana *A Rosa Vermelha* estreou a 31 de janeiro de 1927, excepcionalmente no Teatro de Santa Isabel, com a Companhia Nacional de Operetas Vicente Celestino-Ary Nogueira, do Rio de Janeiro, novamente em visita ao Recife e em temporada original no Teatro do Parque. No dia seguinte, 1 de fevereiro de 1927, a peça mudou de palco e foi ali apresentada, com sessão de despedida da equipe na data posterior. Na sequência, seria também muito bem recebida na Bahia (Salvador), no Espírito Santo (Vitória) e no Rio de Janeiro (Niterói), entre outros lugares. O ensaiador Martins Veiga foi o encenador da obra, tendo os atores/cantores Laís Areda e Vicente Celestino como protagonistas. Ainda no elenco, Eugênia Noronha, João Celestino, Fernando Oliveira, Augusta Barros, Carmen Dora, Branca Costa, Elvira de Jesus, Eduardo Arouca, Martins Veiga, Idalice Lopes, Silvana Gomes e os bailarinos Rhadamés e Virgínia, entre muitos outros artistas. A citação a seguir é longa, mas dá conta de todo o interessantíssimo enredo da obra:

A Rosa Vermelha é uma peça leve, maliciosa, com ação decorrente na alta sociedade, vestida à casaca e roupas de baile e ricos cenários de gabinete. Está dividida da seguinte forma: 1 prólogo cantado ao proscênio, com o pano baixo, em que o principal personagem masculino, Cláudio Mistral, poeta e boêmio, convida a si mesmo para as lutas do prazer, do champanhe e das mulheres, que esta é a sua vida contínua, sem querer amar, para não perder a feição do boêmio. O 1º ato passa-se na alcova de Rosália, moça formosa, inteligente e rica que volta de um baile e onde, mais tarde, por uma circunstância que não nos quiseram revelar, aparece o galã que se toma loucamente de paixão por ela e jura-lhe amor, sendo correspondido. Este ato é todo cantado, apenas com algumas cenas faladas dentro de música e em versos, jogado quase somente entre os dois protagonistas Cláudio e Rosália. Há também uma criada que diz pequenas falas, ouvindo-se o coro fora de cena, bem como a *Ária do Luar* pelo tenor, e vendo-se em dado momento, quando Rosália sonha, um par de pierrôs dançar uma gavota [dança popular de origem francesa dos séculos XVII e XVIII], como sombras, por trás de uma levíssima cortina de gaze. O 2º ato abre com uma cena de cortina, cantando Cláudio ao proscênio, como alheiado da festa que se desenrola e cujo cenário vê-se pela cortina entreaberta. Cláudio, que ama Rosália, mas nunca mais a viu, canta dizendo não ser mais boêmio, conquanto seja ainda sonhador. A cortina abre-se começando a festa onde todos os convidados estão de máscaras por ser um baile à fantasia. Decorrem cenas interessantíssimas como uma em que os dois apaixonados se encontram sem se conhecerem, sendo feitas diversas profecias por um célebre mágico, havendo declamações de versos futuristas por uma poetisa e realizando-se a eleição da rainha da festa, que é a protagonista. Em plena cena, a rainha é saudada pela dona da casa, em linda página de música para começar o concertante, quando o mágico descobre um grande segredo de dois pares que dançam. A rainha entra conduzida em charola [andor], fantasiada de *rosa vermelha*, numa cena de grande efeito teatral. Neste ato há outra cena de cortina para Rosália, que procura o seu apaixonado e canta ao proscênio como fora da ação da peça a sua ária em que compara o seu amor a um mistério.

O ato finaliza comicamente, com a realização de uma das profecias do mágico. O 3º ato começa com uma cena de cortina em que o hierofante faz, debaixo de sua varinha mágica, aparecerem as cabeças dos seis principais personagens cantando seus motivos. Quando a cortina abre, vê-se o gabinete de Claudio que, mais uma vez, longe de seu amor, canta a *Visão Celestial*. Há várias cenas cômicas, terminando a peça com um desfecho inesperado entre o cômico e o sentimental. (A ROSA..., *Diário de Pernambuco*, 30 jan. 1927, p. 5)

Segue a crítica publicada logo após a estreia, de autor não identificado:

Apesar de marcada para início impreterível às 20 ½ horas, somente 45 minutos depois desse tempo subiu o pano, isso mesmo pela manifestação de impaciência da plateia. *A Rosa Vermelha* não tem a cor local de *Aves de Arribação* [opereta regional de 1926, primeira parceria da dupla Samuel Campello-Valdemar de Oliveira]. É de um gênero completamente diverso e desenvolve-se noutro meio que não é caracteristicamente regional. No seu desenvolvimento mais trabalhou a imaginação do que o realismo. Um poeta boêmio, tanto ou quanto alterado pelo vinho, de volta de uma orgia, encontra uma janela aberta. Escala-a. É a alcova de uma virgem que dorme e que ao despertar o toma por um gatuno. Separam-se com uma declaração mútua de amor, sem se conhecerem. A cena ficara gravada no coração de um e da outra. Encontram-se num baile de máscaras. Reconhecem-se. Ele foge dela porque soubera antecipadamente que a mascarada, que mais tarde vem a reconhecer, era a moça mais rica da cidade e não queria ligar-se a uma rapariga rica. Ela o persegue, vai até a casa dele, provoca uma declaração de amor e por fim... como nas fitas de cinema. Paralelamente a esse romance de amor, há uma crítica a uma desfrutável poetisa futurista cujo marido se julga sempre ludibriado, e há outra trama de amores ilícitos. O libreto é bem tratado, regularmente arquitetado, embora a necessidade de escoimar de uma peça fina como esta, que representa um tentâmen de valor, pequenas coisas que agradam apenas à parte inculta da plateia. A partitura é muito bem trabalhada. Todo o primeiro ato se desenvolve sob a ação da música e tem como que uma estrutura própria. Por isso mesmo era perfeitamente dispensável aquele prólogo da defunta *Berenice* [polêmica opereta de Nelson Paixão, com música de Valdemar de Oliveira, que estreara em 1926], parece que encaixado... só para moer. No segundo e terceiro atos, a música é mais escassa e os trechos são mais leves, de mais fácil compreensão e, portanto, mais apreciáveis. Nenhum valor deram à partitura, nesses dois atos, os vários números da *Berenice* que, apesar de morta, faz aparições como em espiritismo... Verdade, verdade, a música de *A Rosa Vermelha*, em seu conjunto, é superior às anteriores de Valdemar, que demonstra o seu progresso, embora, pela leveza, pelo cunho regional, mais agradam os trechos característicos de *Aves de Arribação*. Não está ele ainda libertado por completo de inspirações alheias que lhe ficam no subconsciente. Há, no segundo ato, um trecho que, sem ser igual nem semelhante, dá ideia de um motivo da *Serenata de Toselli* [o italiano Enrico Toselli]; outro trecho, uma linda valsa que cantou e repetiu Carmen Dora, tem qualquer coisa de reminiscência de *Voci di Primavera* [do compositor vienense Johan Strauss]. Não há semelhança; há reminiscências. A representação revestiu-se de todas as imprecisões de uma primeira, com entradas precipitadas, com

entradas demoradas, etc. Não descemos, por isso, a pormenores, que o fato é bastante desculpável. Nem, para evitar confrontos entre artistas, destacamos nomes. O ponto [profissional que embutido numa caixa no proscênio do palco “soprava” as falas aos atores esquecidos], entretanto, não merece indulgência. Estava alto demais. Tinha-se a impressão de que a fala dos artistas não era mais do que o eco de uma voz que partia de lábios invisíveis. A plateia aplaudiu com calor os artistas e especialmente os autores, que foram ao proscênio ao fim de cada ato. O espetáculo terminou aos 30 minutos de hoje [ou seja, a apresentação dos três atos, com os intervalos necessários, durou 3 horas e 15 minutos].

Em 1930, o *Diário de Pernambuco* (A ROSA..., 7 jan. 1930, p. 2) já registrava o sucesso que esta obra de autores pernambucanos fazia no Ceará. Encenada no ano anterior no Theatro José de Alencar, no dia 23 de dezembro de 1929, agora pela Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino (que havia estado entre outubro e novembro daquele ano em temporada no Recife, no Teatro Moderno, com um repertório de operetas e vaudevilles), *A Rosa Vermelha* já havia sido elogiada no Sudeste do país e, desta vez, conquistava mais elogios em Fortaleza, após passar também por Natal, sendo considerada a melhor do repertório daquela companhia carioca. O sucesso foi reprisado em São Luís, no Maranhão.

Mas a Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino voltou à capital pernambucana para cumprir nova temporada, desta vez no Teatro de Santa Isabel, entre maio e junho de 1930. Talvez aí a pequena Clarice Lispector tenha finalmente apreciado a montagem que trazia no elenco, entre outros intérpretes, Laís Arêda, Vicente Celestino, Brandão Sobrinho, João Celestino, Adelaide Santos, Eduardo Arouca, Isabel Ferreira, Armando Duval e Ismênia dos Santos. No repertório sem grandes novidades do conjunto, constavam ainda *Eva*, *A Mentirosa*, *A Princesa das Czardas*, *A Pequena da Marmita*, *A Casta Suzana*, *Moças de Hoje*, *A Mascote*, *O Mano de Minas*, *O Conde de Luxemburgo*, *A Cabocla Bonita*, *Aves de Arribação* e *Coração de Violeiro* (as três últimas também criações pernambucanas), entre outras obras. A temporada chegou a ser interrompida por conta dos dois primeiros recitais de Heitor Villa-Lobos no Recife, dias 6 e 10 de junho de 1930. *A Rosa Vermelha*, um dos momentos mais aplaudidos, fez várias sessões, inclusive uma “matinê chique” dedicada à miss Pernambuco. *Matinês* para as senhoritas também foram programadas.

O dado trágico é que o ator-empresário Brandão Sobrinho (parente do artista português radicado no Brasil, Brandão, o Popularíssimo), com menos de 50 anos, ficou adoentado, não pôde seguir com seus amigos para temporada em Maceió, nas Alagoas, e acabou falecendo no Hospital do Centenário, no Recife. OBS: Nem Lygia Sarmiento nem Alma Flora participaram de *A Rosa Vermelha* nesta temporada no Recife em 1930, pois só vieram à capital pernambucana, pela primeira vez, no ano de 1932, integrando a Companhia Brasileira de Comédias, liderada pelo ator-empresário carioca Jayme Costa, que não inseriu tal trabalho na sua grade de espetáculos.

No ano de 1932, o Grupo Gente Nossa, o primeiro grupo teatral profissional de “vida mais estável” no Recife, lançou a opereta de Samuel Campello (libreto) e Valdemar de Oliveira (partitura musical), *A Rosa Vermelha*, abrindo a temporada de espetáculos musicados de seu extenso repertório. A estreia aconteceu no dia 21 de janeiro de 1932, no Teatro de Santa Isabel, em festival da atriz/cantora portuguesa Maria Amorim, protagonista junto ao tenor pernambucano Vicente Cunha. Foi a partir deste trabalho que o grupo começou a mandar confeccionar cenários próprios, sob o

comando do cenógrafo pernambucano Álvaro Amorim. A montagem foi saudada por Miguel Jasseli:

Creio que não há quem, de boa consciência, ouse mais afirmar que é impossível “fazer-se teatro de verdade” no Recife depois do grande êxito que obteve quinta-feira última, no Santa Isabel, a graciosa atriz Maria Amorim, realizando o seu esperado festival de arte. A representação da linda opereta *A Rosa Vermelha*, por elementos quase que exclusivamente da “terra”, veio provar exuberantemente que, para a vitória completa do *Gente Nossa*, realização admirável do formidável batalhador pelo teatro nacional que é Samuel Campello, falta apenas um pouco mais de auxílio por parte do público. [...] Maria Amorim foi uma Rosália felicíssima. No canto como na dramatização. Vicente Cunha – prata da casa – reafirmou, mais uma vez, os seus dotes artísticos. [...] Voz harmoniosa, rica e representação bem cuidada. Jovelina Soares, a mais risonha promessa do *Gente Nossa*, [...] com um mestre como o Sampaio, vai longe... Elpídio [Câmara], como de costume, correto e sincero. [Luiz] Maranhão, na linha. Os demais, a contento. [...] Zuíla [Amaral], figurinha interessante, deve ser cuidada com muito carinho pelo *Gente Nossa*. Outra que vai longe... Em suma, a representação de *A Rosa Vermelha* foi um acontecimento teatral de grande repercussão no meio recifense. Parabéns ao dr. Samuel Campello. Para a frente! (JASSELI, *Diário de Pernambuco*, 24 jan. 1932, p. 4)

Esta versão de *A Rosa Vermelha* fez até vespéral para crianças (com estas entrando gratuitamente se acompanhadas da família), terminando com um ato variado em que Minôna Carneiro cantou emboladas. A festa marcou a despedida do ator português Otávio Matos do elenco do Grupo Gente Nossa, em partida para o Rio de Janeiro. Atendendo aos tantos pedidos do público, a peça voltou à cena e ganhou sua terceira sessão no domingo 31 de janeiro de 1932, em vespéral e com abatimento nos preços de entrada para os sócios do grupo. Estes, em troca dos seus cartões (com mensalidades pagas), podiam adquirir até três localidades no Teatro de Santa Isabel. A loja Cama Patente cedeu toda a mobília para a cena. Detalhe: crianças acompanhadas entravam gratuitamente. Ainda em março de 1932, a Rádio Clube de Pernambuco, ciente do movimento teatral crescente em Pernambuco, inaugurou o seu Teleteatro, com irradiação das peças *A Rosa Vermelha* e *Gente Rústica*, tendo Oscar Pinto à frente da coordenação, e Umberto Santiago como diretor. A iniciativa foi louvada pela imprensa.

Quando o Grupo Gente Nossa resolveu visitar a capital alagoana, com temporada a partir do dia 16 de abril de 1932, no Teatro Deodoro, levou no seu repertório *A Rosa Vermelha*. A 7 de maio de 1932, a turma pernambucana iniciou sua segunda visita interestadual, desta vez à cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, pelo trem da *Great Western*, com o mesmo elenco de Maceió acrescido do ator Ary Guimarães e, desta vez, tendo o acompanhamento do seu líder, o diretor Samuel Campello. A temporada paraibana aconteceu no Theatro Santa Roza, marcando a inauguração da remodelação daquele espaço, e significou um período bem especial para a história do conjunto recifense. No dia 9 de maio de 1932, a segunda récita de assinatura por lá contou com a opereta em três atos *A Rosa Vermelha*, tendo a participação especial do maestro Nelson Ferreira na regência dos músicos. No intervalo do 2º para o 3º ato, foi feita uma manifestação ao Grupo Gente Nossa pela Sociedade Teatral Pessoaense, discursando em nome desta o escritor paraibano Simão Patrício.

Com a atriz/cantora Maria Amorim retornando ao Grupo Gente Nossa, a grandiosa opereta *A Rosa Vermelha* pôde ser retomada a partir do dia 16 de dezembro de 1932, em comemoração ao 56º aniversário de inauguração do atual edifício do Teatro de Santa Isabel, após o violento incêndio que ocorreu na tarde de 19 de setembro de 1869. Além de Maria Amorim como protagonista, o seu parceiro musical Vicente Cunha reassumiu o principal papel masculino, contando também no elenco com Elpídio Câmara, Luiz Carneiro, Luiz Maranhão, João Estevão, Tancredo Seabra, Dustan Maciel, Rui Lobato, Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Juvenila Côrtes, Eunice Vanda e Macedo, entre outros. A grande orquestra foi regida pelo maestro Nelson Ferreira e os novos cenários foram confeccionados pelo pintor Álvaro Amorim. Mas foi o “moderníssimo e custoso guarda-roupa” o grande destaque dado pelo *Diário de Pernambuco* (“A ROSA...”, 14 dez. 1932, p. 4). A montagem teve preços populares.

No ano de 1933 *A Rosa Vermelha* voltou a compor a programação do Grupo Gente Nossa, desta vez no Teatro Moderno, no dia 6 de abril, com vespéral no dia 9, agora no palco do Teatro de Santa Isabel. Ainda naquele ano foi feita uma visita à cidade do Natal, no começo do mês de janeiro. Patrocinado pelo Centro Pernambucano do Rio Grande do Norte e ocupando o Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão), o grupo apresentou, entre operetas e burletas, também *A Rosa Vermelha*. Foi com esta opereta que o grupo despediu-se momentaneamente do Teatro de Santa Isabel, a 10 de novembro de 1935, por conta de uma necessitada reforma de remodelação naquele espaço. Pouco depois, a equipe a levou ao município de Garanhuns, entre nove espetáculos promovidos no Cine-Teatro Glória, operetas, burletas e comédias. Sem a presença de Samuel Campello nesta viagem, repousando numa estação balneária, o ator Raul Prysthon assumiu a função do diretor de cena e João Valença coordenou o conjunto musical.

A opereta *A Rosa Vermelha*, de Samuel Campello e Valdemar de Oliveira voltou à cena em 1936, inclusive para festejar o 5º aniversário do Grupo Gente Nossa, a 2 de agosto. Valdemar de Oliveira comemorou no *Jornal do Commercio* (PANORAMA..., 15 mar. 1936, p. 24) o sucesso que a equipe vinha fazendo: “Casas cheias, entupidas, gente brigando na porta para entrar, um sucesso integral”. No entanto, não encontrei mais registros de novas sessões da obra a partir de então. O Grupo Gente Nossa, fundado em agosto de 1931, teve atividades até 1942.

Referências:

A ROSA Vermelha. **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 jan. 1927. Cenas & Telas. p. 5.

“A ROSA Vermelha” na próxima sexta-feira. **Diário de Pernambuco**. Recife, 14 dez. 1932. Cenas & Telas. p. 4.

A ROSA Vermelha, no Ceará. **Diário de Pernambuco**. Recife, 7 jan. 1930. Cenas & Telas. p. 2.

JASSELI, Miguel. Rosa Vermelha. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 jan. 1932. Vida Teatral. p. 4.

FERRAZ, Leidson. **Um Teatro Quase Esquecido – Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife**. Recife: Funcultura: Ed. do Autor, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/cultura.pe/docs/um_teatro_quase_esquecido_d_cada_d_068c9f24f1c5ee>.

PANORAMA artístico do Recife. **Jornal do Commercio**. Recife, 15 mar. 1936. Vida Artística. p. 24.

TEATRO Santa Isabel. **Diario de Pernambuco**. Recife, 1 fev. 1927. Cenas & Telas. p. 2.